

CARTOGRAFIAS DE CORPOS E ESPAÇOS DE DESEJOS EM CAIO F.

Moisés Henrique de Mendonça Nunes¹

Resumo: A urbanidade é exaltada pelo ritmo frenético dada a transitoriedade do sujeito no traço da multiplicidade, na visibilidade dos contextos que afloram sentidos do hegemônico e do periférico. Torna-se visível aí o modo como se apresenta a produção da subjetividade, tão expressiva em obras da literatura de Cassandra Rios, João Silvério Trevisan e Gasparino Damata, só para exemplificar estes autorxs e que revelam a urbe não-heterossexual. Assim também, no romance de Caio Fernando Abreu, *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990), o personagem-narrador manifesta o estranhamento de si ao vivenciar a cidade na captação do corpo. O recorte metodológico do estudo a respeito de um corpo-devir, corpo-queer, corpo-híbrido, visa a desconstruir em Caio F. outra forma de experienciar os desejos, como considerá-los com os embates da biopolítica, com a legitimada escrita canônica e o discurso social. O problema a ser analisado e com visões que dialogam com a epistemologia de gênero é como a escrita literária do escritor gaúcho compreende o sentido sexualidade de maneira crítica e que move a cartografia dos espaços. Frente ao exposto, apropriar de noções que ressignificam as cartografias urbanas com pretensões a ver sujeitos que expressam a si na desconformidade e na desnORMATIVIDADE de corpos são motivos reveladores na narrativa de Caio Fernando Abreu.

Palavras-Chave: Cartografia de desejos. Caio F. Corpo. Sexualidade e gêneros dissidentes.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza García. Endereço eletrônico: moises.h.mendonca@gmail.com.

Natural de Santiago do Boqueirão, mas sendo um *bon-vivant* vivendo em cidades como Porto Alegre, São Paulo, Campinas — na Casa do sol, de Hilda Hilst — Rio de Janeiro e no exterior, como em Estocolmo, Paris e Londres, Caio Fernando Abreu (1948-1995) foi um escritor, jornalista, crítico, dramaturgo e, nas horas vagas, astrólogo reconhecido pela obra em contos, mas que também produziu romances, peças de teatro, crônicas, novelas e poemas, no qual tocou pela escrita literária sobre a urbanidade e afeto. O escritor gaúcho tracejou um diálogo entre o literário e o contexto histórico brasileiro, o período da ditadura, além dos movimentos que estavam em voga a sua contemporaneidade, como a contracultura e o movimento hippie também se fazem presente na sua obra.

Caio Fernando Abreu estreou o “hall” da literatura brasileira em 1970² com a coletânea *Inventário do Irremediável*, com o qual ganhou o prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de escritores, mas foi com o *Morangos mofados* (1982) que ganhou reconhecimento no cenário literário. O escritor gaúcho publicou em vida seis livros de contos, dois romances, uma obra infanto juvenil, um livro de novelas, como também escreveu algumas peças de teatro, crônicas e textos dispersos em antologias, revistas e jornais.

Pelas leituras das narrativas, observamos como a astrologia e a música são elementos importantes na própria criação literária do escritor, em que personagens e enredos são caracterizados a partir dos mapas astrais criados para eles e músicas de Nara Leão e Angela Ro Ro embalam as narrativas para os leitores e leitoras, além da própria vivência se torna material literário, conferindo-lhe alguns textos como autoficcional. Assim, encontramos histórias

² Paula Dip (2014) coloca que existiu um livro anterior ao de 1970, publicado em 1968 e com título de *Três tempos mortos*, o livro teve menção honrosa ao Prêmio José Lins do Rego, pela editora José Olympio, mas não se tem um paradeiro desta publicação.

que atravessam temas a exemplo da introspecção, repressão, violência, afeto/amor, sexualidade, hiv/aids, identidade, dentre outros pelo qual compõe a obra do escritor gaúcho.

Embora Caio Fernando Abreu organizou sua produção literária colocando *Ovelhas negras* (1995) como última publicação e também revisou toda a sua obra publicada³, encontramos que o material literário, alguns inéditos, do escritor foram reunidos e publicados depois da sua morte: a organização de contos e crônicas em livros, o *Estranhos estrangeiros* (1996) e *Pequenas epifanias* (1996), respectivamente; *Teatro completo* (1997); a publicação do conteúdo epistolar, *Cartas* (2002); e a obra poética, *Poesia nunca publicada de Caio Fernando Abreu* (2012).

Com esta vasta produção literária, a fortuna crítica de Caio Fernando Abreu considera como a autoficção, violência, desejo, simbolismo e urbanidade são elementos marcantes e que foram, assim como ainda é, relevantes não somente para uma geração, mas também a produção literária que estava alinhada à época e para outros escritores e escritoras contemporâneos a Caio Fernando Abreu, como Ana Cristina César, Hilda Hilst, Ignácio de Loyola Brandão e Lygia Fagundes Telles.

Em nosso estudo, apontamos como as narrativas de Caio Fernando Abreu ao refletirem sobre os personagens pelos espaços urbanos e na representação de interações sociais, caminham para um estudo sobre elemento espaço nas narrativas, em que não somente está para descrição e localização de onde se passa a história, mas que possui papel e função, pelo qual também opera a

³ Na década de 1990, Caio Fernando Abreu fez uma revisão de sua produção até então publicado, momento no qual modificou o título da primeira coletânea para *Inventário do Ir-remediável* e acrescentou Passo da Guanxuma, cidade imaginada do escritor, como espaço que ambientam e lugar de origem de algumas histórias e personagens, isso ocorre em específico ao romance *Limite branco*, no conto “Morangos mofados” e na novela “Pela Noite”.

reflexão sobre a representação de espaços reais e da própria estruturação destes espaços, em gênero e sexualidade.

A partir das leituras de Antonio Dimas (1987), em que o espaço compete para algo orgânico e funcional que colabora na construção da narrativa, e Raquel Rolnik (2017) apontar o modo como as cidades são construções humanas e feitos em escrita: “as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto habitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto” (ROLNIK, 2004, p. 17).

Através de Rachele Borghi (2015) e Paul Preciado (2017), detém-se como a geografia do gênero e da sexualidade não está limitado a dimensão do privado, mas se fazendo presente no cotidiano dos espaços sociais onde, alinhado a Foucault (2017), encontramos um discurso de poder pelo qual sexo não é censurado ou omitido, mas administrado para controlar as ocupações e interações sociais.

Consoante a Márcia Marques (2013), uma das autoras que trabalhou sobre espaço e representação na obra do escritor gaúcho, entendemos como o espaço urbano é um elemento constituinte na obra de Caio Fernando Abreu. Contudo, refletimos para o modo como a espacialidade percorre a reiteração de normas ou desmonte, a partir das questões de gênero e sexualidade, algo que também foi questionado por Bruno Souza Leal (2002), quando confere que há uma relação entre metrópole, sexualidade e identidade pelos contos de Caio Fernando Abreu. Assim observamos como na construção dos espaços, o tratamento sobre a noção de espacialidade na materialidade e estrutura de cidades, casas, prédios, etc, também se encontra um discurso em que estrutura os espaços como controle de corpos e desejos sob um sistema heteronormativo.

Por isso temos como problema a ser analisado, em diálogo com a epistemologia de gênero, como a escrita literária de Caio

Fernando Abreu compreende o sentido de sexualidade de maneira crítica e que move a cartografia dos espaços. Na produção do escritor gaúcho, com personagens fora-do-padrão, o afeto e desejo caminham em toda a construção da narrativa, pelo qual o espaço exibe uma disciplina e indisciplina ao corpo e desejo captadas pelos personagens.

O objeto de pesquisa se recorta, inicialmente, para o Passo da Guanaxuma, cidade ficcional do escritor gaúcho que tem origem na década de 1980, quando aparece no conto “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, de *Os dragões não conhecem o paraíso* (1988), e encontramos seu “mapa” sendo publicado em 1995, no *Ovelhas negras*, ao conto intitulado “Introdução ao Passo da Guanaxuma”. Contudo a cidade ficcional se ramifica na obra de Caio Fernando Abreu, seja por histórias que a tem como cenário, pelos personagens que são naturais de lá ou alguma menção feita. Além dos textos mencionados, identificamos então as outras narrativas de Caio Fernando Abreu atravessadas pelo Passo da Guanaxuma: os romances *Limite branco* e *Onde andaré Dulce Veiga?*; os contos “Morangos mofados”, “Linda uma história horrível”, “O destino desfolhou” e “Pequeno monstro”; e a novela “Pela noite”.

Contudo, no momento em que se analisa o Passo da Guanaxuma como uma disciplina do corpo e desejo, observamos pelos personagens que não correspondem a norma a saída da cidade, quando não são violentados por fissurar o controle. Nesta mudança de lugar, no qual conhecem as metrópoles e centros urbanos onde a subjetividade se faz múltipla, embora também possua condutas e normas, aparecem outras estruturas sociais que não se alinham para uma disciplina, mas refletem aqueles que a ocupam, na ruptura de algum padrão e estabelecendo outras produções de modo de vida. Neste momento que observamos como na pesquisa da cartografia dos espaços, detemos para Passo

da Guanxuma enquanto espaço que controla e disciplina e, por outro lado, seus habitantes ao saírem, exibem uma espacialidade em desconformidade com algum padrão.

Frente ao exposto, apropriamos de noções que ressignificam as cartografias urbanas com pretensões a ver sujeitos que expressam a si na desconformidade e na desnortividade de corpos são motivos reveladores na narrativa de Caio Fernando Abreu. Na fortuna crítica do escritor, encontramos pesquisas como a de Ana Paula Cantarelli (2010) e Graciela Ferraris (2014) sobre a cidade imaginada ser lida através da memória e o biográfico, em que Passo da Guanxuma representa Santiago do Boqueirão, cidade natal do escritor.

Com Cantarelli (2010) e Marques (2013) ao abordarem sobre este espaço representar de algum modo a cultura sul-grandense e exibir uma cultura cristão e patriarcal, refletimos como isso se introjeta na arquitetura de Passo da Guanxuma e também é captada pelos personagens. Seja quando os personagens reproduzem a norma e observamos como caracterizam-se pelo papel de gênero ao qual a mulher é restrita a ser dona de casa e produto de prazer do homem, ao mesmo tempo que os personagens masculinos também reproduzem um papel de dominadores e detentores da lei. Desse modo, notamos que além dessa representação de Santiago do Boqueirão, a cidade ficcional de Caio Fernando Abreu reflete sobre as organizações espaciais estruturadas sob discursos, no qual se prevalece algo patriarcal, machista e heterossexual.

Observamos como a territorialidade de Passo da Guanxuma estrutura e organiza espaços de poder e controle dos corpos e desejos, como da diferença entre o leste e norte, pelo qual o primeiro se aborda uma zona romântica “para namoros considerados fortes e de certas amizades estranhas” (ABREU, 2018, p. 569) e a região norte da cidade possui uma zona de prostituição

em que os homens da cidade visistam com frequência, enquanto as esposas, donas de casa, dissimulam desconhecimento. Como também o norte, domínio da personagem La Morocha, será um modo de educação dos prazeres, onde os jovens são iniciados a vida sexual, ao tempo de outras expressões de desejos serem reprimidas e silenciadas.

Este controle em que a heterossexualidade se predomina e naturaliza, confere em uma disciplina violenta aos personagens fora da norma, pelo qual são colocados à margem, vivendo em solidão ou tendo que se ajustar a norma da cidade em relacionamentos falsos, como se observa nos personagens Dudu Nogueira, Pérsio e Santiago, presentes no “Uma praiazinha de areia bem clara, ali, na beira da sanga”, “Introdução ao Passo da Guanxuma” e “Pela noite”. A saída da cidade, como ponto de fuga do controle e da violência, também é uma descoberta de si e de outros espaços pelo qual desalinha gênero e sexualidade em sua estrutura.

Em *Onde andaré Dulce Veiga?* (2014), o prédio em que vive o narrador-personagem além de encontrarmos a reprodução de personagens femininas sob uma norma de dona de casas, também se tem a presença de homens viris e, possivelmente, michês, a personagem Jacyr/Jacyra que desconformiza o gênero e se fazendo fluído, além do próprio narrador na descoberta de si e da sexualidade.

Enquanto caminhar pelo Passo da Guanxuma exhibe os controles e silenciam qualquer expressão de fissura, pelo qual personagens tem medo de sair de casa para não sofrerem alguma violência, também encontramos nos próprios personagens que “fogem” de sua cidade natal para caminhar em outros espaços urbanos, encontramos como tem outras espacialidades, menos engessadas e desnortatizadas.

Assim, destacamos uma leitura preliminar, em que observamos o espaço como uma estrutura orgânica e social, onde reflete o desejo e os mecanismos de controle ou não do gênero e sexualidade, através da produção literária de Caio Fernando Abreu. As narrativas do escritor ponderam sob uma cartografia que monta e desmonta o espaço para entender sua construção e a disciplina do corpo e gênero, ao mesmo tempo que escreve sobre as experiências de personagens majoritariamente não-heterossexuais e apresentam, nas narrativas, as experiências que friccionam o espaço e sujeito em outra produção de desejo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Contos completos*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- ABREU, Caio Fernando. Pela noite. In: *Caio Fernando Abreu: o essencial da década de 1990*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- ABREU, Caio Fernando. *Onde andar? Dulce Veiga?: um romance*. B. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BORGHI, Rachele. O espaço à época do queer: contaminações queer na geografia francesa. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, v. 6, n. 2, p. 133-146, 2015.
- CANTARELLI, Ana Paula. *Idas e vindas ao Passo da Guanxuma: a relação entre espaço ficcional e memória na obra de Caio Fernando Abreu*. 135 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, 2010.
- FERRARIS, Graciela Esther. *Ciudades imaginarias en el espacio semiótico rioplatense: Lavanda, Passo da Guanxuma, Satolep*. Tesis. Maestría en culturas y literaturas comparadas. Universidad Nacional de Córdoba. 2014.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Paz & Terra, 2017.
- LEAL, Bruno Souza. *Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidade e sexualidade em trânsito*. São Paulo: Annablume, 2002.
- MARQUES, Márcia Cristina Roque Corrêa. *De volta ao Passo da Guanxuma: espaço, representação e construção narrativa na obra de Caio Fernando Abreu*. 209 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

PRECIADO, Paul B. Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multcartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle. *Revista Performatu: Inhumas*, ano, v. 5, n. 17, p. 1-32, 2017.

ROLNIK, Raquel. *O que é a cidade*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

